



IGREJA *Viva*

ENTREVISTA

"A RENOVACÃO DA LINGUAGEM É UMA URGÊNCIA"

PE. JOAQUIM FÉLIX
VICE-REITOR DO SEMINÁRIO CONCILIAR DE S. PEDRO E S. PAULO
E RESPONSÁVEL PELO PRÉ- SEMINÁRIO DE ADULTOS

P. 04-05

INTERNACIONAL

Activistas católicos dizem que a COP26 é sobre “cuidar do nosso vizinho”



© RUSSELL CHEYNE/REUTERS VIA CNS

No que toca a proteger a Criação de Deus, os líderes dos movimentos católicos activos na cimeira COP26 em Glasgow dizem que é tempo de menos conversa e de muita mais acção.

“O Papa Francisco pede aos líderes mundiais que tomem as acções mais arrojadas possíveis para sarar e proteger o nosso planeta”, disse Eric LeCompte, director executivo da rede Jubilee USA. O foco no ambiente e na protecção da casa comum está a galvanizar os líderes mundiais para fazer mais.

Eric acredita que, por demasiado tempo, a humanidade falhou em fazer o que devia e que está a ficar sem tempo.

“A COP26 precisa de ser sobre implementação e compreensão que muitas decisões sobre o clima estão a ser integradas na resposta pandémica pelo G20 e pelo Fundo Monetário Internacional”, disse ao Crux. “Essas decisões precisam de ser influenciadas pela COP26”.

LeCompte disse que um problema que precisa de ser resolvido é o apoio aos países em desenvolvimento na transição para economias verdes, nomeadamente em assegurar que estes recebem a ajuda prometida para lidar com desafios e desastres naturais potenciados pelas alterações climáticas.

“Este é um dos principais temas da *Laudato Si'*”, disse LeCompte, referindo-se à encíclica de 2015 do Papa Francisco sobre o cuidado da criação. “A industrialização do Norte ocorreu ao tirar recursos naturais ao Sul. O consumo destes recursos pelos países desenvolvidos alimentou uma crise climática que criou, nos países em desenvolvimento, desafios e escassez alimentar potenciados pelas alterações climáticas. Neste sentido a Igreja exprime que, por causa disto, o Norte tem uma dívida ao Sul.”

Tomas Insua, o líder do Movimento *Laudato Si'* – antes conhecido como Movimento Climático Católico Global –, disse que apesar de alguns activistas apontarem para medidas de controlo populacional para combater as al-

terações climáticas, a posição da Igreja é muito clara: “A crise ecológica resulta fundamentalmente do hiper-consumismo de uma pequena parte da população mundial”.

No entanto, ele acrescentou que o facto de alguns tentarem “puxar o assunto do controlo populacional não é razão para não entrar em diálogo com essas pessoas”.

De acordo com LeCompte, o facto de a Igreja ter uma longa história de envolvimento e foco no clima é um “activo incrível no seu papel de negociador na COP26”. O líder da Jubilee USA também aponta que foi o Papa Bento XVI que moveu a Igreja para ser mais activa “a proteger a nossa casa comum”.

O pontífice alemão é, na verdade, o papa verde “original”, chamando à recusa de reciclar quando esta opção existe um pecado, e fazendo vários investimentos, como instalar painéis solares no Vaticano para reduzir a sua pegada de carbono.

Molly Burhans reconheceu que, depois das primeiras notícias que recebeu de amigos e colegas já na cimeira, tem “pouca esperança para a COP26, mas muita esperança pela humanidade”.

Cartógrafa, cientista de dados e activista ambiental norte-americana, a mulher de 32 anos fundou a GoodLands, uma organização que está a mobilizar a Igreja Católica para usar os seus terrenos para propósitos ambientais e de justiça social.

Nos meses antes da cimeira actual “tivemos mais antecipação do que com qualquer outra conferência, excepto talvez a COP21 em Paris”, disse Burhans.

“Acho que as pessoas estão não só cansadas, mas estão zangadas e perturbadas porque desde Paris, nós activistas ambientais temos lutado por mudança, e em vez de mudanças reais, temos visto o assunto a tornar-se ainda mais politizado, mesmo que seja algo que toque toda a gente em todos os cantos do espectro político”, disse. “Temos visto mais divisão na linguagem e mais palavras vazias”.

INTERNACIONAL

Papa encontra-se com líder de grupo a debater-se com a reforma depois dos escândalos



© DR

O Papa Francisco encontrou-se com o líder de um grupo de leigos peruano abalado por escândalos. A reunião acontece depois de mais queixas de antigos membros e no momento em que a comunidade está a redesenhar a sua constituição.

No sábado, dia 30 de Outubro, o Papa Francisco encontrou-se em privado no Vaticano com o padre José David Correa Gonzalez, superior geral do grupo Sodalitium Christianae Vitae (SCV), conhecido coloquialmente em espanhol como Sodalites. Nem o Vaticano nem o grupo confirmaram os assuntos da reunião, mas presumivelmente esteve relacionada com as reformas em curso no SCV depois de ondas de escândalos com acusações de abusos sexuais, físicos e psicológicos.

Um porta-voz do SCV disse ao Crux que um comunicado sobre a natureza do encontro está para breve.

O encontro de Correa Gonzalez com o Papa segue-se a uma visita de uma comissão de Roma, no início do mês, encarregada de revisar os estatutos do SCV.

O SCV é um dos mais conhecidos e mais controversos grupos religiosos na América Latina. Foi criado no Perú na década de 1970 pelo leigo Luis Fernando Figari, que é acusado de abusos físicos, psicológicos e sexuais contra membros, incluindo menores. Em 2017 Figari foi exilado e proibido pelo Vaticano de ter mais contacto com os membros do grupo.

Durante décadas, o SCV gozou de

uma reputação como comunidade em rápido crescimento com jeito para atrair vocações novas, jovens e entusiastas.

No entanto, os escândalos rebentaram no Perú em 2015, quando os jornalistas Paola Ugaz e Pedro Salinas – ele próprio um ex-membro do SCV e uma alegada vítima – publicaram em conjunto o livro “Meio Monjes, Meio Soldados” a detalhar anos de abuso dentro do SCV.

Desde que os escândalos se tornaram públicos e que Figari foi castigado, o SCV tem tentado levar a cabo uma gigante reforma interna sob a orientação de líderes externos temporários escolhidos pelo Vaticano.

Esta reforma, a ser preparada há quase cinco anos, inclui reescrever completamente as suas constituições, que guiam a organização, governação, liderança e disciplina da comunidade, e definem o seu propósito e carisma único.

Numa declaração de 29 de Outubro, o SCV explicou que o processo de reescrita das constituições ainda está na fase inicial.

O encontro com o Papa também acontecer numa altura em que o SCV está a enfrentar pressão acrescida, com mais antigos membros de várias partes da comunidade a fazer queixas de várias formas de abuso, incluindo nas filiais de mulheres.

O SCV tem enfrentado grande escrutínio nos últimos anos não apenas pelos escândalos à volta de Figari e outros membros da liderança, mas também pelo que é descrito como assédio legal dos jornalistas que expuseram os escândalos.



PAPA FRANCISCO

1 DE NOVEMBRO 2021 · Não tenhas medo da santidade. Não te tirará forças, nem vida, nem alegria. Muito pelo contrário, porque chegarás a ser o que o Pai pensou quando te criou e serás fiel ao teu próprio ser. #SantificaçãoUniversal

3 DE NOVEMBRO 2021 · Quando nos sentimos tentados a julgar mal os outros, devemos antes de tudo refletir sobre a nossa própria fragilidade. É um bem nos perguntar o que nos leva a corrigir um irmão ou uma irmã, e se não somos de alguma maneira corresponsáveis pelo seu erro. #AudiênciaGeral

DIREITOS HUMANOS

Papa Francisco denuncia “trabalho escravo infantil”

O Papa Francisco denunciou na terça-feira o trabalho infantil e as condições de pobreza em que vivem muitas famílias, o que tem levado a “um número crescente de menores a abandonar a escola” e a ser alvo “de escravatura”.

O líder da Igreja Católica afirmou, na mensagem à sessão inaugural do Encontro Global da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura sobre a eliminação do trabalho infantil na agricultura, que “milhares de meninos e meninas são obrigados a trabalhar incansavelmente, em condições exaustivas, precárias e desanimadoras, sofrendo maus-tratos, abusos e discriminação. Mas a situação chega ao cúmulo da desolação quando são os próprios pais que são obrigados a mandar seus filhos para o trabalho, porque sem a sua contribuição activa não seriam capazes de sustentar a família”.

Francisco foca a necessidade de um sistema jurídico “adequado e eficaz, tanto internacional como nacional”, que defenda os sonhos das crianças da “mentalidade tecnocrática nociva que se instalou no presente”.

O trabalho infantil, sublinha, “fere cruelmente a existência digna e o desenvolvimento harmonioso dos mais pequenos” e representa uma limitação das “oportunidades de futuro”, colocando em primeiro plano “as necessidades produtivas e lucrativas dos adultos”.



OPINIÃO

Onde há amor nascem gestos

ADELINO ASCENSO

PADRE

1 O episódio é comum a muitas das grandes cidades e, normalmente, sentimos que se tornou quase trivial, pelo que não nos debruçamos sobre o assunto e não refletimos no perigo que isso representa, nomeadamente no sentido da nossa perda de sensibilidade no que se refere à situação do outro. Era um homem de meia idade. Estava prostrado, de bruços, no passeio de pedra. Hora de grande movimento, as pessoas corriam apressadas e nervosas, em diversas direções, como linhas que se cruzavam sem se tocar. Eu observava aquela agitação e imaginava cada um e cada uma envolvidos numa bolha transparente e protetora do contacto com o exterior. Não havia olhos para o vulto estendido na calçada. Algumas pessoas franziam o sobrolho, saltavam para o lado, de forma a não lhe pisarem a cabeça, e seguiam o seu caminho, talvez com um ligeiro peso no coração por não terem parado, já que aquele corpo era um pranto estridente, uma acusação clamorosa e um apelo à fraternidade solidária. Mas também esse peso se dissolveria com ligeireza, sob a influência de justificações racionais, já que a ausência do rosto do sofre-

dor não nos interpela nem comove.

2. «Globalização da indiferença» foi a expressão que borbotou como lava dos meus abismos mais profundos. A indiferença é uma manhosa cilada na qual todos tropeçamos, escorregamos e, porventura, tombamos; ela ilude-nos de tal forma que chegamos a ignorar a nossa identidade de fios entrelaçados de uma rede humana, responsáveis uns pelos outros; ela apaga na nossa mente a convicção de que o sofrimento nos deve fazer vizinhos. E ali estava eu, colado ao chão, pensando que uma barreira tem de ser transposta, para que não seja eu a considerar que tenho «próximos» a quem ajudar, o que poderia ser sinal de soberberia, «mas que me sinto chamado a tornar-me eu um próximo dos outros» (FT 81), em transformação interior.

3. Outra cidade me atraía. Depois de me ter despedido da família que fizera do alpendre da entrada de uma igreja a sua casa, protegendo-se da chuva e do vento, dirigi-me ao bairro onde se encontrava a instituição de acolhimento a indigentes que nada possuíam e cujo fio de vida estava a aproximar-se do seu termo. Também ali havia um vulto caído, mas este estava ladeado por três pessoas que lhe ligavam as feridas e lhe transmitiam um punhado de ternura e uma migalha de pre-

sença; estes eram movidos pelo «motor da missão», em entrega amorosa, já que onde há amor, aí nascem gestos concretos, pois nos põe em movimento. E irrompeu, do meu peito, um afago do calor humano daquele samaritano que se aproximou do ferido e lhe ligou as feridas, deitando nelas o azeite da santificação e o vinho da alegria (cf. Lc 10,34).

4. Inclinar o próprio coração à escuta do pulsar do coração do outro exige um humilde esvaziar-se de preconceitos, de temores e de egoísmos. Só assim se poderá realizar o encontro íntimo, universal e pungente. Tudo começa com a experiência vivencial, com a deslocação, com a «saída», tocando as feridas abertas na carne da pessoa concreta. Nenhum encontro nos pode deixar indiferentes; se ficarmos indiferentes, não se terá verdadeiramente realizado o encontro: a corda das nossas relações não estará devidamente afinada. Para tal afinação, exige-se ver o que está para além e por detrás do vulto do irmão. Olhar com afeição, pois «fomos criados para a plenitude, que só se alcança no amor» (FT 68). Escutemos o nosso coração e vibremos com o coração do outro, para que, nessa sintonia de corações, valorizemos o humano na sua inteireza e, assim, possamos encontrar-nos com o divino e sermos «missão» genuína.



ENTREVISTA

"É URGENTE AJUSTAR O MODELO TRIDENTINO"

JOÃO PEDRO QUESADO (ENTREVISTA E FOTO)

A SEMANA DOS SEMINÁRIOS CONVIDA SEMPRE A ALGUMA REFLEXÃO SOBRE ESTAS ESTRUTURAS DA IGREJA, NOMEADAMENTE SOBRE COMO DESEMPENHAM O PAPEL DE FORMAÇÃO DOS PADRES DE AMANHÃ. FOI ISSO QUE ACONTECEU NA CONVERSA COM O PE. JOAQUIM FÉLIX, COM QUEM FORMOS CONVERSAR A PROPÓSITO DO PRÉ-SEMINÁRIO ADULTO.

[Igreja Viva] O que é o Pré-Seminário Adulto?

[Pe. Joaquim Félix] É uma experiência de discernimento, em proximidade, com aqueles que designamos por jovens, que se apresentam no final dos estudos do secundário, durante os cursos técnico-profissionais e universitários, ou que já se encontram em atividade laboral. Sim, para discernir a vida em ordem a decidir a opção fundamental, integrando-se e servindo na vida da comunidade e do mundo.

[Igreja Viva] Ou seja, não existe um limite superior de idade?

[Pe. Joaquim Félix] Em princípio, não.

[Igreja Viva] Como é que funciona, como é que alguém pode participar?

[Pe. Joaquim Félix] Normalmente, aconselhamos a falar directamente com o respectivo pároco, para desenvolver um primeiro contacto e uma reflexão, em leitura mais próxima, das motivações. Depois, poderá dar-se o passo seguinte: entrar em contacto com o Seminário Conciliar. E, se parecer bem – depois de ouvida a pessoa, de dialogar com

ela –, propor a frequência dos encontros de discernimento, um por mês. Aproximação que poderá fazer-se, também, através da participação em experiências mais significativas, até quotidianas, da vida no seminário.

[Igreja Viva] Ou seja, estamos a falar de várias fases de discernimento? Há o discernimento da primeira motivação e de perceber o que está por detrás disso, e no pré-seminário temos uma fase de perceber o que é o seminário?

[Pe. Joaquim Félix] É importante conhecer a vida no seminário e que horizontes ele possibilita. Interessa chegar ao 'mergulho de fundo', através do discernimento, nos mistérios da vida pessoal, na sua relação com Deus, que o ama, tal como ao Seu povo. Torna-se por isso necessário partir do autoconhecimento, na leitura humilde, em função do tempo que fará apelo ao sentido da dúvida. E, por sua vez, a um caminho de confiança, para gerar generosidade bastante a fim de se decidir numa opção fundamental. Trabalho de fundo, é mergulhar com os jovens no mistério do ser. E, partindo daí, por vezes

do irrisório, cada um é iluminado pela pergunta, desde a biografia, a forma de pensar o mundo, a atenção como ouve Jesus, o sentido do apelo ao serviço, a gratidão de se deixar escolher. O livro «Transparências. Jovens e a arte de discernir» é um testemunho plural desse discernir e decidir. Dessas raízes desponta a generosidade, na correspondência e na perspectiva de amar. Claro, em nome de Alguém, no estilo desse Alguém. Mais: ao serviço, como discípulos de Jesus, de todos os irmãos, nem todos cristãos.

[Igreja Viva] Que motivações podem ser essas?

[Pe. Joaquim Félix] As motivações são variadas. Surgem em função, por vezes, até de uma religiosidade sociológica, que precede os candidatos e os influencia. Frequentemente, vêm para ser padres na base do estilo do pároco que conhecem, ou das expectativas das comunidades. Podem ser motivações extremamente simples, até de um certo autoconvencimento. Mas que logo é preciso trabalhar, em função de perguntas que não são assim tão superficiais. Dessa eventual epiderme caminha-



-se até à densidade das questões de fundo. As opções fundamentais comprometem-nos a todos os níveis. Nessa medida, aquilo que mais privilegiamos e tentamos fazer, dentro do possível, é que haja releitura da própria vida: dos candidatos e da nossa. Na base do conhecimento, abertos à luz da fé, podemos chegar a boas decisões. É ótimo ter boas leituras biográficas, da comunidade de origem, das relações sociais, da expressão da responsabilidade cívica com o mundo... O mesmo se diga dos valores fundamentais da cultura, que se podem exprimir na estética – a beleza nas suas diferentes expressões. E isto faz-se sem desconsiderar os jovens, com slogans e desqualificações, preconceitos ou chavões. Para entrar nos universos das juventudes, no ho-

rizonte dos desejos de quem é novo, nas suas próprias utopias. Precisamente, naquele sentido de liberdade em que se permite uma ousadia, um vislumbrar de coisas advenientes. Desse mundo novo toda a genealogia, na qual nos inserimos, beneficiará.

[Igreja Viva] Como é que se lida com o afastamento da Igreja? Ele sente-se 'no terreno'?

[Pe. Joaquim Félix] Estou persuadido de que hoje muitos jovens lidam com Jesus de formas novas. Não são indiferentes aos desafios que Ele coloca nas suas parábolas, nos grandes discursos, no ensino das bem-aventuranças, na sensibilidade aos outros, nomeadamente aos mais frágeis. Até porque, como nunca, sentem-se entre os frágeis. Revêem-



As opções fundamentais comprometem-nos a todos os níveis. Nessa medida, aquilo que mais privilegiamos e tentamos fazer, dentro do possível, é que haja releitura da própria vida: dos candidatos e da nossa. Na base do conhecimento, abertos à luz da fé, podemos chegar a boas decisões.

-se no estilo que Ele protagoniza, na sequência da tradição profética, na reinterpretação da Lei, em função da vontade divina, original e pura. E, por isso, querem voltar ao dinamismo vital da grande Tradição, sentindo-se aptos a colaborar com Ele para a marca da contemporaneidade. Digo, no sentido de uma abertura ao respiro do Espírito, como vento que esculpe as novas lides, nas prioridades insuspeitas, e enche as velas do presente. Eis porque sentem a necessidade de se envolverem no compromisso comunitário, mas tentando ultrapassar modelos anquilosados, sobretudo no ensino, de certas espiritualidades. Será uma forma de evitar se-reias, quase padronizadas pela cultura dominante da auto-realização e do isolamento, tentando ultrapassar a desenfreada vontade de poder e do lucro. É na contra-corrente que desejam fazer a diferença, em função dos valores que Jesus promoveu na revelação do que é o homem à humanidade. É curioso que haja jovens se sentem mais cristãos do que aqueles que se estimam ‘católicos praticantes’? Porque será? Esta observação, claramente positiva, não retira outra constatação: também há jovens que, cada vez em maior número, se tornam indiferentes. Não suportam que lhes fa-

lem de Jesus, nem da Igreja, tão-pouco de vocações.

[Igreja Viva] Os candidatos vêm de comunidades e contextos diferentes, como dizia. Como é que se gerem as suas expectativas?

[Pe. Joaquim Félix] É importante discernir o horizonte de partida. Há jovens que chegam ao seminário, para fazer a confirmação vocacional, a partir de paradigmas enraizados em horizontes que, neste campo, já estão ultrapassados. Há nisto uma influência muito grande das paróquias. E do estilo de padres, também. Notamos que há duas grandes expressões nos jovens que aparecem. Alguns vêm com um horizonte aferrado ao paradigma precedente – aquele que mais marcou nos últimos 450 anos –, o do jovem que pensa que se vai preparar para ser padre, numa comunidade especial, em grande medida isolada da sua comunidade de origem. Pensa que, ‘aparelhado’ nas aprendizagens da formação inicial, se habilita a aparecer às comunidades com a formação que, de outra forma, não conseguiria ter. Tendo interiorizado que são pessoas especiais, merecedoras de uma atenção particular, tornam-se ‘reclamadores’. É cada vez mais assumido que este tipo de horizonte cria, frequentemente,

interiorizações que originam problemas. Com estes jovens, é importante desconstruir as imagens iniciais, investindo em duas vias: trabalhar em função dos horizontes novos da Igreja e suas necessidades pastorais, em sintonia com os desafios, de abertura ao mundo, priorizados por Jesus. O que se aprende, através da leitura orante e da interpretação prática do Evangelho com as pessoas. Quais são as atitudes de Jesus? Sim, daquele que atravessa as aldeias, que investe no caminho, numa atitude profética. Mais, daquele que purifica o passado e abre janelas. Sem Cristo não é possível fazer discernimento vocacional.

[Igreja Viva] Falou em duas grandes expressões, qual é a outra?

[Pe. Joaquim Félix] É a de certos jovens que viveram, de forma muito severa, a incerteza. Depois de tanto ‘incerto’ e de expressões frágeis do viver – que alguns interpretarão como ‘desviantes’ –, é importante considerar a forma como se agarram a ‘tábuas de certezas’, tidas como absolutas. Fazemos atenção, porque este ‘absolutismo’ pode originar problemas maiores do que aqueles que estamos a viver na Igreja. Por norma, acontece que muitos desses jovens desejam o seminário ou as casas religiosas para se enrijecerem em práticas ‘tradicionalistas’. Aferram-se a princípios, como quem pega em armas. Passam sob a capa de qualidades dignas, mas, com o tempo, acabam por se revelarem pessoas violentas na sua militância beligerante, formalistas, sem dúvidas. Querem ver tudo a preto e branco, sem nuances. Estimam-se capazes de julgar tudo e todos, demonizando o mundo. Há neles uma tendência para excessos apocalípticos, com uma menor consideração da bondade da vida no mundo. Felizmente que não são todos assim.

[Igreja Viva] Isso poderá, por exemplo, causar ou potenciar situações de abusos?

[Pe. Joaquim Félix] Assistimos a abusos, sobretudo de consciência, abusos de poder, uns e outros quase sempre a desaguarem em abusos de natureza afectiva e sexual. Quando falamos de problemas que passaram a ser diagnosticados como sistémicos, temos que nos interrogar. Não são ocasionais, são sistémicos. Daí a urgência

em analisar as estruturas que levam a determinados resultados. Por outro lado, é desconcertante notar como, com algumas comunidades pós-Vaticano II, e outras de matriz tradicionalista – que investiram muito em certas espiritualidades –, estão, neste momento, a passar por dificuldades extremas relativamente ao exercício do poder, ao equilíbrio carismático, afectando os seus membros. Basta reparar, a título de exemplo, no que aconteceu na Comunidade de Bose, com Jean Vanier, com comunidades ditas ‘luminosas’ em França, com a Comunhão e Libertação em Itália, os Legionários de Cristo, os Arautos do Evangelho, no Brasil, para não mencionar outras de direito diocesano. Quem diria? Comunidades em que a nota da espiritualidade era muito viva! Daí, ser importante proporcionar uma visão integral da formação.

[Igreja Viva] Como é que o Seminário integra estas realidades na formação?

[Pe. Joaquim Félix] Para nós, é importante analisar as boas práticas, ter maior conhecimento delas, e trabalhar sempre na linha de um equilíbrio difícil, que passará por abandonar paradigmas esgotados. No Concílio de Trento, a decisão de criar seminários foi de grande alcance, necessária e justa para resolver problemas endémicos como o absentismo, a falta de residência, a ignorância cultural e do Evangelho, etc. Como estava então o estado do clero? Os seminários surgem como escolas de habilitação para competências, em várias disciplinas, para um desempenho de qualidade pastoral nas comunidades. Hoje o desafio passa por tomar medidas do mesmo alcance e magnitude. Há quem defenda acabar com os seminários, tal como subsistem, e passar a ter a formação inicial, num curto período de tempo, repartida com a integração progressiva em paróquias, com o apoio de presbíteros a viver em comunidades. E delas partindo para a formação académica. Parece-nos claro que, hoje, é urgente ajustar o modelo dito ‘tridentino’ às condições actuais. O que já fazemos. Poderá investir-se mais noutras opções? Creio que sim.

[Igreja Viva] Nesse sentido, o Sínodo que ainda está a começar poderá trazer luzes sobre

alterações que poderiam ser viáveis?

[Pe. Joaquim Félix] Este Sínodo representa a reabertura do pensamento sobre da Igreja, a partir das suas fontes e missões. Estou persuadido de que essa reflexão poderá fazer-se numa perspectiva pastoral, mas sem nunca abandonar as bases da reflexão teológica. Pode haver quem pense só na sua ‘reorganização’, para tornar a Igreja mais operacional. E é bom que isso aconteça. Mas não podemos, creio eu, fazer uma reforma profunda da Igreja sem ter em consideração as bases da eclesiologia e da cristologia devidamente aprofundadas. Um exemplo: a teologia do sacerdócio. Isto tem implicações fortíssimas sobre a questão dos padres e sua formação. Não é indiferente tratar um padre por ‘sacerdote’, sem mais, porque sacerdotes somos todos pelo baptismo. Há um único sacerdócio, o de Jesus. É a base que nos estabelece no dever e no direito de participação eclesial. Se olharmos para o sacerdócio apenas como ministério ordenado, não estaremos a reduzir o alcance com que Cristo nos habilitou para a experiência de ‘povo sacerdotal’?

[Igreja Viva] Ou seja... Qual é o caminho?

[Pe. Joaquim Félix] A nossa forma mental é lenta a libertar-se de pregas passadistas. Deste modo, torna-se difícil implementar o estatuto de sujeito de participação. A renovação da linguagem é uma urgência. Sobretudo para evitar as ambiguidades que patrocinam. Isto é, da oralidade aos livros litúrgicos e canónicos. Com tal clarificação poderemos obter mais sentido de corresponsabilidade. Não podemos focar-nos nos seminários sem olhar para o que está à volta. Porque, por norma, eles são o reflexo do clericalismo alimentado nas comunidades paroquiais, que o desejam e patrocinam de formas muito evidentes. Por conseguinte, a escassez de vocações ao ministério ordenado pode ser uma oportunidade para desenvolver outras formas de participação. Sem esquecer que, para manter as comunidades vivas, também serão preciosos os ministros ordenados. É fundamental assumir os presentes desafios como ‘causa comum’. Os do seminário, também. Os novos paradigmas supõem tempo e não se instituem senão por tentativas.

“Sabei que o Filho do homem está perto”

XXXIII DOMINGO COMUM

ITINERÁRIO

Apresentar apenas o Círio Pascal aceso.



ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES



LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Dan 12, 1-3

Leitura da Profecia de Daniel

Naquele tempo, surgirá Miguel, o grande chefe dos Anjos, que protege os filhos do teu povo. Será um tempo de angústia, como não terá havido até então, desde que existem nações. Mas nesse tempo, virá a salvação para o teu povo, para aqueles que estiverem inscritos no livro de Deus. Muitos dos que dormem no pó da terra acordarão, uns para a vida eterna, outros para a vergonha e o horror eterno. Os sábios resplandecerão como a luz do firmamento e os que tiverem ensinado a muitos o caminho da justiça brilharão como estrelas por toda a eternidade.

Salmo responsorial

Salmo 15 (16), 5.8.9-10.11 (R. 1)

Refrão: Defendei-me, Senhor: Vós sois o meu refúgio.

LEITURA II Hebr 10, 11-14.18

Leitura da Epístola aos Hebreus

Todo o sacerdote da antiga aliança se apresenta cada dia para exercer o seu ministério e oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca poderão perdoar os pecados. Cristo, ao contrário, tendo oferecido pelos pecados um único sacrifício, sentou-se para sempre à direita de Deus, esperando desde então que os seus inimigos sejam postos como escabelo dos seus pés. Porque, com uma única oblação, tornou perfeitos para sempre os que Ele santifica. Onde há remissão dos pecados, já não há necessidade de oblação pelo pecado.

EVANGELHO Mc 13, 24-32

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: “Naqueles dias, depois de uma grande aflição, o sol escurecerá e a lua não dará a sua claridade; as estrelas cairão do céu e as forças que há nos céus serão abaladas. Então, não-de ver o Filho do homem vir sobre as nuvens, com grande poder e glória. Ele mandará os Anjos, para reunir os seus eleitos dos quatro pontos cardeais, da extremidade da terra à extremidade do céu. Aprendei a parábola da figueira: quando os seus ramos ficam tenros e brotam as folhas, sabeis que o Verão está próximo. Assim também, quando verdes acontecer estas coisas, sabeis que o Filho do homem está perto, está mesmo à porta. Em verdade vos digo: Não passará esta geração sem que tudo isto aconteça. Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão. Quanto a esse dia e a essa hora, ninguém os conhece: nem os Anjos do Céu, nem o Filho; só o Pai”.

REFLEXÃO

Na recta final do ano litúrgico, a Liturgia da Palavra reflecte a passagem à plenitude, o ‘tempo’ da salvação. É preciso estar preparado! Jesus Cristo alerta: “Sabei que o Filho do homem está perto, está mesmo à porta”.

“Está mesmo à porta”

As referências ao final dos tempos, próprias dos últimos domingos de cada ciclo litúrgico, surgem com descrições fantásticas, até tremendas, para nos ajudar a ‘ver’ o invisível, tentativa de dar a conhecer de forma plástica o que está associado a esses dias.

As afirmações que o evangelista recorda da boca de Jesus Cristo pretendem

reforçar a fidelidade e a perseverança (da comunidade cristã), em tempos difíceis, a fim de alimentar com confiança o encontro definitivo com Jesus Cristo. Quem já experimentou alguma situação de forte ansiedade ou angústia profunda há de perceber melhor o recurso a estas imagens, não como acontecimentos reais, mas como tentativa de expressar o que não é capaz de ser dito em palavras.

A angústia, muitas vezes, surge porque nos sentimos perdidos e sozinhos diante do perigo, somos invadidos pelo medo e pelo abandono, parecemos nus e indefesos perante os acontecimentos, ficamos incapazes de reagir.

O relato não fica por aqui. Vem depois o mais importante. Jesus Cristo confirma que, aconteça o que acontecer, Deus está connosco. “Sabei que o Filho do homem está perto, está mesmo à porta”. Esta é a verdade que jamais podemos esquecer, sob pena de perdermos o essencial desta experiência terrena.

A fé cristã não é semelhante a um seguro contra todos os riscos, a qualquer garantia de uma vida tranquila. Precisamos então de repetir com frequência a oração do salmista: “O Senhor está sempre na minha presença, com Ele a meu lado não vacilarei. Por isso o meu coração se alegra e a minha alma exulta e até o meu corpo descansa tranquilo”.

A fé cristã não é garantia de uma vida sossegada, é garantia de uma vida confiada ao amor de Deus revelado em Jesus Cristo. Confiamo-nos a Deus. Aconteça o que acontecer, confiamos em Deus. Com Deus estamos a salvo, estamos salvos.

Jesus Cristo dá-nos o exemplo da figueira: uma árvore que aparentemente não tem flores que anunciem a chegada dos frutos. É talvez a melhor imagem para nos explicar como pode ser a leitura crente da realidade.

O tempo é agora

Há pessoas, que apesar de se sentirem atoladas em circunstâncias difíceis, insistem em ‘pensar’ o futuro com esperança. De coração aberto e assombrosa coragem rasgam novos horizontes. Com palavras e gestos desafiam-nos a saborear a viagem, em vez de nos fixarmos na angústia da meta.

“Trata-se, portanto, de abrir-se decididamente à graça de Cristo, que pode tornar-nos testemunhas da sua caridade sem limites e restituir credibilidade à nossa presença no mundo” (Papa Francisco). O mundo e a Igreja oferecem-nos um momento desafiante. Esta é a oportunidade para pôr em marcha o nosso melhor potencial. Não tenhamos medo de almejar a transformação do presente, dispostos a construir um futuro que cumpra a vontade de Deus. O tempo é agora!

Reflexão preparada por Laboratório da Fé in www.laboratoriodafe.pt

Semear caridade

Acólitos

Uma das principais funções dos diversos ministros na liturgia é a de agregar. Tudo deve ser feito de forma que todos se unam ao que cada um faz individualmente. Na liturgia, quando se está no exercício do seu ministério, o ministro age sempre em nome de todos. Quando o acólito leva os dons ao altar é a assembleia que, por ele, se oferece a Deus. Como Jesus, o ministro reúne os fiéis convocados num único ato de louvor.

Leitores

O leitor está ao serviço, não de uma palavra efémera, mas de uma Palavra eterna porque a Palavra de Deus é o próprio Jesus Cristo. Por isso, na Palavra de Deus não há palavras supérfluas ou dispensáveis. O próprio Jesus disse: “Até que passem o céu e a terra, não passará um só jota ou um só ápice da Lei, sem que tudo se cumpra”. Por isso, o leitor



EUCOLOGIA

Orações presidenciais: Orações próprias para o XXXIII Domingo do Tempo Comum (*Missal Romano*, 427)

Prefácio e Oração Eucarística: Oração Eucarística V/D com prefácio próprio (*Missal Romano*, 1175ss)



SAIR EM MISSÃO DE AMAR

Marcados pela celebração do V Dia Mundial dos Pobres, vamos levar um sinal de esperança a alguém, que esteja a passar dificuldades económicas, como manifestação do Deus-Amor e da sua glória.



SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **Entrada:** Eu venho, Senhor – A. Cartageno
- **Comunhão:** Em Vós, Senhor, está a fonte da vida – Az. Oliveira
- **Pós-Comunhão:** Senhor, Vós sois grande – M. Simões
- **Final:** Ao Deus do Universo – J. Santos

deverá ter um cuidado escrupuloso na leitura de cada sílaba.

Ministros Extraordinários da Comunhão

Visitando os doentes, o MEC poderá encontrar pessoas atormentadas com a perspectiva do fim da sua vida ou mesmo do fim dos tempos. A profecia de Daniel anuncia a vergonha e o horror eterno para uns, mas a vida eterna e o seu esplendor estão ao alcance de um simples e humilde acto de fé e sabedoria. O MEC deve transmitir essa confiança em Deus que deixa a porta da eternidade aberta para todos até ao último dia.

Músicos

O fim dos tempos, podendo parecer estranho, inspirou algumas das mais belas páginas musicais. Podemos encontrar exemplos deslumbrantes no Requiem de Mozart, no Messias de Haendel ou na Missa em Si menor de Bach, todos eles usando belas linhas melódicas para o trompete em alusão à Primeira Epístola aos Coríntios. O fim dos tempos é, para os justos, o lugar da beleza triunfante da glória de Deus.

Celebrar em comunidade

Preparação Penitencial

V. Reconhecendo a nossa verdade, pedimos e abraçamos a misericórdia do Senhor.

[Silêncio]

V. Senhor, por vivermos na reclamação e não no agradecimento, Senhor, tem compaixão de nós!

R. Senhor, tem compaixão de nós!

V. Cristo, por cairmos na crítica e não no louvor, Cristo, tem compaixão de nós!

R. Cristo, tem compaixão de nós!

V. Senhor, por lembrarmos o que falta e não o recebido, Senhor, tem compaixão de nós!

R. Senhor, tem compaixão de nós!

Homilia

1. As imagens fortíssimas de mudança que escutamos na primeira leitura e no Evangelho pertencem ao estilo literário apocalíptico, muito presente na cultura bíblica. Apocalipse, em grego, significa Revelação! É uma leitura crente do destino da história, um olhar sobre a realidade, cheio de esperança no Deus Criador que é fiel e, por isso, não deixa ao

abandono a obra das Suas mãos. O Deus Bíblico, o Deus-Amor, é aquele que rasgou os céus para visitar o Seu Povo, conhece os becos mal iluminados da nossa história e habita até nos recantos das nossas vergonhas.

2. Este abalo cósmico, relatado no Evangelho, não é para nos deixar receosos, mas para alimentar a nossa esperança. Um rosto perverso, o rosto de um deus que mete medo, nunca é um rosto segundo o evangelho.

3. De facto, o Evangelho deste domingo tem muito de inverno e de primavera. Primeiramente, fala-nos desse momento final, onde tudo parece terminar em cataclismo. Todavia, logo nos abre à primavera da figueira que começa a gerar novos rebentos nos ramos, ainda quase desnudos do inverno. A realidade pode tremer, o céu pode ficar escuro, como se o sol tivesse apagado. No entanto, aí está a Palavra de Jesus que nos abre para acolher um novo tempo.

Oração Universal

Deus-Amor, estamos aqui, diante de Ti, em atitude de louvor, gratidão e súplica. Por

isso Te pedimos que convertas o nosso coração, dizendo com confiança:

R. Senhor, faz de nós gestos do teu amor.

1. Pelos ministros ordenados da Igreja e pelos fiéis, que procuram abrir-se com generosidade à missão de serem testemunhas da ternura de Deus, que criou o ser humano à sua imagem, oremos.

2. Pelos que governam o nosso país e que se empenham em garantir a todos os jovens uma formação adequada e um trabalho digno, oremos.

3. Pelos jovens de todo o mundo que se deixam atrair e enviar por Cristo, assumindo a própria vida como missão, oremos.

4. Pelos membros da nossa comunidade paroquial, que procuram ser facilitadores do encontro com Jesus, através do testemunho vivo do Amor de Deus, do discernimento da sua realidade e da resposta ao serviço como verdadeiros discípulos missionários, oremos.

A versão completa do subsídio litúrgico encontra-se disponível em www.arquidiocese-braga.pt/liturgia/

“Sabei que o Filho do homem está perto”

TRIGÉSIMO TERCEIRO DOMINGO
ANO B · 2021



LABORATÓRIODAFÉ



Vigília de Oração pelos Seminários **05 NOV 21H15**

Igreja de São Paulo

SEMANA DE ORAÇÃO PELOS SEMINÁRIOS
31 de outubro a 7 de novembro 2021

“Para estarem com Ele e para os enviar a proclamar.”
Mc 3, 14

CONTACTOS
Seminário de Nossa Senhora da Conceição
Rua de São Domingos, 94 B
4710-435 Braga
Tel. 253 202 820
Seminário Conciliar
Campo de Santiago, 47
4704-532 Braga
Tel. 253 203 300
Site:
www.fazsentido.pt
Facebook:
<https://www.facebook.com/fazsentido.pt/>

450 ANOS

AGENDA Viva

5 NOV

IGREJA DO TERÇO (BARCELOS)
TRICICLO / LUÍS FERNANDES
22H00

LUÍS FERNANDES

www.triciclobcl.pt

6 SET

PLANETÁRIO
CASA DA CIÊNCIA DE BRAGA
DIA INTERNACIONAL DOS MUSEUS E CENTROS DE CIÊNCIA
10H00

Entrada livre no Centro Ciência Viva de Braga
13 de novembro | sessões de planetário às 10h, 11h e 12h
entrega de prémios das 10h às 12.30h

PLANETÁRIO Casa da Ciência de Braga
REDE DE CENTROS CIÊNCIA VIVA

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO **10% Desconto***

LIVRO DA SEMANA 15€

ROSAS, SONHOS E ILUSÕES
ANA ANTUNES

Francisca e João apaixonaram-se quando eram ainda estudantes de Enfermagem na Universidade do Minho. Ficaram a trabalhar no Hospital de Braga. Francisca sonhava fazer voluntariado e desafiou o João a passarem um ano em Angola; país que os fascinou e transportou para um mundo de carências e dificuldades. O livro leva o leitor a viajar e a conhecer a cidade de Braga as praias do Norte, o Ribatejo, o Algarve e também Angola e Tailândia.

Compre online em www.livrariadm.pt

* Na entrega deste cupão.
Campanha válida de 21 a 27 de Outubro de 2021.

SÃO TORCATO CELEBRA COLABORADORES DO BANCO DE APOIO SOCIAL

A Irmandade de São Torcato, a Associação para o Desenvolvimento das Comunidades Locais e a Sociedade de São Vicente de Paulo de São Torcato vão homenagear no domingo, sete de Novembro, os colaboradores do Banco de Apoio Social.

O momento vai ser marcado por uma eucaristia às 10h30, seguida da inauguração da requalificação da Capela da Fonte do Santo e do espaço envolvente, com o descerramento de

uma lápide. Segundo a tradição, a capela está construída no local onde São Torcato foi morto pelo general Muça. Nesse local rebentou uma fonte de água milagrosa que ainda se conserva e foi construída a pequena ermida hoje designada de Capela da Fonte do Santo. D. Jorge Ortiga, arcebispo de Braga, vai estar presente, assim como o presidente do município de Guimarães, Domingos Bragança.

